

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT01.018](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT01.018)

REFLEXÕES E PERSPECTIVAS DA FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA CONSIDERANDO O PERÍODO PANDÊMICO COVID-19

Marcelo Costa

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Geografia da UNESP/IGCE - SP, Especialista em Educação Ambiental e em Neuroaprendizagem pela Faculdade FAMART - MG, Licenciado em Geografia pela UFF/IEAR - RJ com mobilidade internacional na Universidade de Évora - PT. srrcostam@gmail.com;

Joyce Pereira Gomes

Licenciada em Matemática pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ/VR, Pós-Graduanda em Gestão Escolar Integrada com ênfase em Administração, Supervisão, Orientação e Inspeção Escolar, Metodologia do Ensino de Matemática e Ensino de Matemática pela Faculdade Famart - MG. joycepereiragomes32@gmail.com;

Ana Paula da Silva

Secretária Municipal de Educação de Rio Claro - RJ, Especialista em Tecnologias na Educação pela PUC - RJ, Gestão Escolar Integrada pela IPMIG - MG e em Planejamento, Implementação e Gestão de EaD pela UFF - RJ, Licenciada em Letras pela FERP - RJ. anapaula.educarc@gmail.com.

RESUMO

O mundo inteiro foi impactado pelo vírus Sars-CoV-2, que causa a doença COVID-19, que se espalhou rapidamente e causou mudanças abruptas das rotinas de empresas, escolas e diversas instituições, já que, a alternativa encontrada pelos cientistas para reduzir a propagação do vírus inicialmente foram as diversas ações de restrições físico-sociais, alterando os hábitos de vida das pessoas. Diante desta realidade, as escolas tiveram que alterar o ambiente de aprendizagem da sala de aula para as plataformas digitais e entrega de material

impresso, fazendo com que os professores tivessem que enfrentar diversos desafios. Portanto, este trabalho objetivou realizar uma reflexão teórica sobre a formação continuada dos professores, através de pesquisa bibliográfica, somado às experiências em docência e gestão educacional dos autores. O trabalho contribuiu para reforçar a importância da formação continuada dos professores, que precisam cada vez mais refletir sobre a própria prática e inserir novos métodos de ensino para que as aulas sejam mais atrativas, fazendo mais sentido para os alunos, acompanhando os avanços da sociedade. E também, permitiu identificar a importância das secretarias municipais e estaduais de educação promoverem essa formação continuada, já que estas são responsáveis por oferecer uma educação de qualidade. Além disso, o uso de tecnologias no processo de ensino e aprendizagem deve fazer parte do cotidiano escolar para além do período pandêmico, devido as suas contribuições para a formação dos jovens que estão inseridos em uma sociedade que avança rapidamente.

Palavras-chave: Pandemia, Docente, Formação continuada, Desafios.

INTRODUÇÃO

A formação continuada dos docentes é uma preocupação em escala global, já que, os professores devem contribuir para a formação de cidadãos críticos, que compõem a sociedade. E ao mesmo tempo, as diversas dinâmicas que acontecem no espaço escolar são influenciadas pelas características da sociedade. Considerando que estamos em constante e rápido avanço, tanto no âmbito científico como nas relações sociais e interpessoais, a formação continuada dos professores é necessária para que as práticas pedagógicas, que objetivam o processo de ensino e aprendizagem e a formação de cidadãos críticos, possam acompanhar os avanços da sociedade. Porém, fomos surpreendidos pela pandemia de COVID-19, que nos obrigou a pensar, repensar e modificar nossas relações sociais, de trabalho, educação e, conseqüentemente, nossas práticas docentes.

O vírus Sars-CoV-2, que causa a doença COVID-19, apareceu no final do ano de 2019 na China, inicialmente, mas rapidamente se espalhou para o mundo todo. Com intuito de conter a propagação do vírus, diversas ações de restrições físico-sociais foram tomadas em diferentes países (WANG et al., 2020). Com isso, várias práticas culturais e sociais tiveram que ser alteradas.

O ambiente de trabalho físico de muitas instituições públicas e privadas foi substituído pelo teletrabalho ou *home office*; a grande maioria das escolas públicas e privadas também passaram as aulas total ou parcialmente para atividades síncronas e assíncronas através de plataformas digitais, com recursos de vídeo como *Google Meet*, *Microsoft Teams*, e outras, como: *Zoom*, *Google Classroom*, *Drive*, *Moodle*, *WhatsApp*; diversas viagens e atividades de lazer tiveram que ser canceladas ou reduzidas drasticamente. Resultando assim, em um longo período das famílias (pais, mães, avós, filhos e filhas...) no mesmo ambiente, que contribuiu para aumento de casos de estresse agudo, crises de ansiedade e até mesmo, depressão (GAMEIRO, 2020).

O fechamento das escolas ao redor do mundo afetou milhões de alunos, surgindo o ensino remoto emergencial como solução temporária, no qual foi necessário incluir novas metodologias de ensino com o intuito de permitir a continuidade do processo de

ensino e aprendizagem (BOZKURT; SHARMA, 2020; UNICEF, 2020). Mas, aliado às diversas realidades familiares, surgem vários desafios a serem enfrentados pelos gestores, professores, alunos e pais, que tiveram que ressignificar o ambiente escolar remoto ou híbrido (MELO, 2020).

Contudo, com o desenvolvimento das vacinas e avanço da vacinação da população brasileira e do mundo, a grande maioria das instituições de ensino públicas e privadas retornaram às aulas presenciais, gerando uma nova situação de adaptação. Pois, os alunos perderam a prática do convívio social, ficaram mais agitados em sala de aula, além de ter havido um descompasso do período remoto, que mesmo com todos os esforços dos gestores, por ter sido uma situação imposta, a defasagem tornou-se uma realidade.

No que tange aos docentes, vale ressaltar sua relevância no processo didático, são os responsáveis pela condução do processo de ensino e aprendizagem que vai além de uma transmissão de conhecimento. Considerando que a educação objetiva formar sujeitos participativos, críticos e criativos (OLIVEIRA; MORAES; DOURADO, 2008), para que possam transformar o mundo e a si mesmos, essas mudanças de realidades em escala global tornam as práticas docentes repleta de desafios.

Com o início da pandemia o professor se viu forçado a adaptar seus métodos de ensino para modalidade remota ou híbrida, e nesse primeiro momento uma série de dificuldades fizeram parte: falta de formação adequada do professor e do aluno para lidar com os equipamentos tecnológicos; falta de hábito do professor e do aluno de ficar longos períodos na frente das telas; dificuldades de acesso a internet e aos aparelhos eletrônicos, e outros. Num segundo momento, com o retorno das aulas presenciais ou semipresenciais, os professores e alunos retornaram aos espaços escolares e se depararam com mais uma situação para se adaptar: turmas agitadas, pois os alunos acabam se animando em rever os colegas e retornar aos hábitos escolares; professor cansado, devido ao estresse e sobrecarga do período remoto; necessidade de adaptação curricular, devido a defasagem dos alunos, e outros.

Diante do exposto, é notório as implicações que o período remoto causou nas diversas relações e atividades humanas, como trabalho e estudo. Se tratando da educação, um tema de extrema

importância é a formação continuada dos professores frente a essas diversas mudanças. Assim, este trabalho objetiva realizar uma reflexão teórica sobre a formação continuada dos professores, através de pesquisa bibliográfica, somada às experiências em docência e gestão educacional dos autores. O texto partirá da importância da formação continuada dos professores, percorrendo os desafios durante o período pandêmico, até chegar nas perspectivas para o período pós-pandemia.

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos neste trabalho, foi utilizado a abordagem qualitativa, que trabalha com o universo de significados, crenças, valores, atitudes, motivos, correspondendo a um espaço mais profundo dos processos, das relações e dos fenômenos, que não podem ser analisados meramente por operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001). O procedimento da pesquisa bibliográfica é utilizado para subsidiar o debate. Segundo Gil (2008), esse método é utilizado em grande parte dos trabalhos de investigação, já que, permite entender conceitos, ideais e limitações, contribuindo para o embasamento da discussão.

Ainda afirma que a pesquisa bibliográfica:

[...] é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo (GIL, 2008, p.50)

De modo a ser utilizada para dar embasamento à fundamentação teórica, auxiliando na coleta de dados, “é imprescindível seguir por caminhos não aleatórios, uma vez que esse tipo de pesquisa requer alto grau de vigilância epistemológica” (LIMA; MIOTO, 2007, p.44).

Para tanto, Volpato (2000) recomenda que o tema deva estar bem definido, para que os pesquisadores possam identificar os termos que expressem o conteúdo a ser pesquisado. Após sua definição, foi utilizado a plataforma de pesquisa *Google Scholar* para pesquisar as seguintes palavras-chave: formação docente continuada - pandemia - desafios - perspectivas.. Contudo, vale ressaltar que o foco do trabalho não é listar todas as obras que abordam o tema e fazer suas respectivas análises, mas encontrar textos para subsidiar a discussão, considerando os objetivos propostos pelos autores, como é possível observar nos tópicos a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES: UMA NECESSIDADE

A preocupação com a mudança da sociedade não surgiu apenas com a pandemia COVID-19. É importante lembrar que a sociedade vem sofrendo grandes mudanças ao longo do tempo e, simultaneamente, as pessoas são constantemente bombardeadas de informações através das mídias sociais. Mas nem sempre essas pessoas sabem avaliar corretamente esses informes. Com isso, aliado à informação, o conhecimento é imprescindível para que essa informação não seja apenas reproduzida ou levada como verdade absoluta, mas sim, interpretada, a partir do ponto de vista de quem avalia e do conhecimento sobre o assunto (CHIMENTÃO, 2009).

Seguindo este raciocínio, reconhecemos que a escola continua tendo um papel fundamental para o desenvolvimento humano. Cabe à escola possibilitar a construção do conhecimento, pois o que há nos livros e na internet, por exemplo, são informações. No entanto, verifica-se que a escola pouco mudou. A educação reprodutivista, isto é, a simples transmissão de informações, ainda se faz fortemente presente, mas já não faz sentido no mundo atual. (CHIMENTÃO, 2009, p.2)

Portanto, a escola tem um papel fundamental na formação do indivíduo, para que ele seja crítico e criativo, perante a uma

sociedade que muda constantemente e que emite informações a todo momento. Para isso, o professor tem uma importante participação, já que, desde os primeiros meses de vida, até nossa formação adulta, eles são os responsáveis por conduzir nosso processo de desenvolvimento motor, cognitivo e também, afetivo. Quanto a formação desse profissional de tamanha relevância social, torna-se necessário frisar que ele não detém todos os saberes necessários para lidar com todas as adversidades do ambiente escolar, já que a escola muda de acordo com a realidade da sociedade em que ela está inserida, e por isso, o professor precisa continuar estudando para (re)aprender ou (re)significar suas práticas docentes (RODRIGUES, LIMA, VIANA, 2017).

Nessa perspectiva, Paulo Freire afirma que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é a reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p.43). Por isso, quando falamos em formação continuada de professores, não nos referimos a esses diversos cursos de metodologias prontas para serem copiadas ou aplicadas pelo professor na sala de aula, que só contribui para a reprodução de um sistema de ensino arcaico e reprodutivista. Nos referimos ao desenvolvimento de um espaço de diálogo e troca de experiência entre professores, que permita identificar os acertos e os erros no cotidiano escolar e, juntos, pensar em novas possibilidades. Conforme Nóvoa (1992), a formação continuada não deve ser limitada ao acúmulo de cursos de conhecimentos acumulados ou técnicas, mas sim, através da reflexão crítica sobre as práticas de (re)construção da identidade do professor como indivíduo e profissional. E com isso:

A formação continuada contribui de forma significativa para o desenvolvimento do conhecimento profissional do professor, cujo objetivo entre outros, é facilitar as capacidades reflexivas sobre a própria prática docente, elevando-a a uma consciência coletiva. A partir dessa perspectiva, a formação continuada conquista espaço privilegiado por permitir a aproximação entre os processos de mudança que se deseja fomentar no contexto da escola e a reflexão intencional sobre as consequências destas mudanças. (WENGZYNSKI; TOZETTO, 2012, p. 4)

Para tal formação continuada, Imbernón (2006, p.7) afirma que:

[...] a profissão docente deve abandonar a concepção dominante no século XIX de mera transmissão do conhecimento acadêmico, de onde de fato provém, e que se tornou inteiramente obsoleta para a educação dos futuros cidadãos em uma sociedade democrática: plural, participativa, solidária, integradora.

Para que o abandono do ensino por transmissão aconteça, a formação continuada do profissional docente é necessária, desde que esteja embasada em revisões epistemológicas e metodológicas no campo da educação, pensando nas ações formativas que criem possibilidades claras para o desenvolvimento de um ambiente interdisciplinar e ressignificador (CHIMENTÃO, 2009). Assim, a perspectiva de formação continuada posta neste trabalho, prevê, principalmente, a reflexão sobre a própria prática docente e com os demais colegas de profissão, mas que deve, também, estar inserindo novas metodologias ao debate, que permitam a interdisciplinaridade, a criatividade, criticidade, trabalho entre os pares, tornando as aulas mais atrativas e participativas, contribuindo para produção de conhecimento pelos próprios estudantes.

Quanto à relação de aceitação dos educadores da necessidade da formação continuada, Freire (1996, p.44) afirma que: “quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me[...]”, evidenciando que o professor precisa reconhecer que algo pode não estar dando certo, para que ele possa transformar essas críticas em melhorias para sua prática:

[...] faz-se necessário que estes sujeitos formadores, reconheçam e internalizem em si a importância e a proporção que atinge o seu papel na vida dos sujeitos em formação, para que também se sintam tanto mais motivados na realização das atividades que lhe competem.

[...] o professor necessita ter ciência de que o seu saber não é totalizado e que os alunos trazem para a sala de aula saberes prévios. O que o professor precisa

é saber que em sua prática é necessário explorar a bagagem do seu alunado, pois eles têm conhecimentos que precisam apenas ser aperfeiçoados. Se propondo e se flexibilizando para modificar suas práticas metodológicas. (RODRIGUES; LIMA; VIANA, 2017, p.31)

Portanto, o professor reconhecer e refletir sobre o seu papel social através das práticas educativas é muito importante, como uma forma de valorar o seu trabalho e se estimular a querer se capacitar, para que seja possível desenvolver ainda mais com os estudantes. Além disso, Rodrigo, Lima e Viana (2017) nos fazem refletir que é necessário o professor se conscientizar que não detém todas as informações, principalmente quando consideramos que a sociedade vem sofrendo muitas mudanças cada vez mais rápido. E com isso, os conhecimentos e experiências prévias dos estudantes devem ser levados em consideração, contribuindo para haver maior interesse por parte dos estudantes e os conteúdos fazerem mais sentido para eles.

Aliado à importância do professor refletir seu papel social, é necessário que o mesmo tenha condições adequadas de trabalho para que se sinta motivado a melhorar suas práticas. Mas é preciso que o profissional docente realmente analise e interprete sua situação de trabalho, para não acabar “reclamando” apenas por osmose, ou seja, pela cultura de que o professor ganha mal e não é valorizado. Pois, ainda que em muitos municípios e redes de ensino as condições de trabalho precisam melhorar, não significa que em todas as escolas, sejam públicas ou privadas, o profissional não tenha qualidade de trabalho.

Por fim, diante de tamanhas transformações que a sociedade vem sofrendo e da necessidade das práticas educativas levar em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, a formação continuada dos professores se faz necessária. Mas vale ressaltar que esta formação deve ir para além de um acúmulo de conhecimentos de métodos milagrosos. Ela deve permitir a reflexão sobre a própria prática docente e a inserção de novas metodologias que considerem a realidade dos estudantes, de modo a acompanhar o avanço da sociedade. Porém, com o surgimento da pandemia

COVID-19, fez-se necessário um debate atualizado sobre a formação docente nesse período de mudanças tão abruptas.

DESAFIOS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DURANTE O PERÍODO PANDÊMICO

Durante todo o período de pandemia, causado pelo vírus Sars-Cov-2, os professores de todas as etapas de formação, precisaram se reinventar e buscar métodos para continuar produzindo e incentivando o conhecimento com os estudantes. O momento passou a ser de aprendizado e adaptação, para docentes, alunos e familiares, não só no Brasil, mas no mundo todo. Conforme relatado por López, Herrera e Apolo (2022, p.2) no Equador:

La suspensión de las clases presenciales obligó a docentes, alumnos y familiares a conectarse de forma virtual, ya sea mediante plataformas en línea o redes sociales, lo que conllevó a una serie de transformaciones con miras a brindar una educación de calidad.

En primer lugar, se tuvo la necesidad de adecuarse y aprender sobre la marcha. Los docentes debieron adaptarse a Plataformas como Moodle y Zoom, en la mayoría de los casos, sin formación previa y sin la familiaridad que aporta el uso cotidiano. Esto fue, sin duda, causa de angustia y estrés para docentes, alumnos y seguramente también para sus familiares. (LÓPEZ; HERRERA; APOLO, 2022, p.2)

Assim, tanto os professores como os alunos tiveram que fazer uso de equipamentos tecnológicos para ter encontros síncronos e realizar atividades assíncronas também, tendo que saber manusear os equipamentos e as novas plataformas, conforme relatado em Filho e Menezes (2021), sobre a rede municipal de Fortaleza-CE:

Durante o processo, os professores formadores tiveram que se apropriar de novas habilidades como, utilizar o computador de mesa Desktop, Notebook ou Smartphone para criar salas de videoconferência, entrar e sair, interagir, se posicionar perante a câmera, falar ou fazer silêncio, comunicar-se através do chat,

fazer apresentações de slides e vídeos, ou seja, realizar todo seu trabalho no ambiente virtual.

Nesse ambiente, outras aptidões e competências se tornaram imprescindíveis, diante das peculiaridades que diferem do presencial. Assim, os formadores tiveram que superar a timidez e o estranhamento para aprender a manusear e se comportar perante suas novas ferramentas de trabalho. (FILHO; MENEZES, 2021, p.5-6)

No entanto, parte dos docentes exerceram suas formações há alguns anos atrás, o que resultou em diversas dificuldades para manusear as tecnologias digitais e as ferramentas de comunicação. Ainda que o Ministério da Educação tenha criado o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) desde 1997, que promoveu a inserção de tecnologias (computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais) nas escolas do ensino público fundamental e médio (MENEZES; COSTA; CAPELLINI, 2021, p.143), a capacitação adequada para manuseio e uso das tecnologias nas práticas docentes nem sempre ocorreram, sendo responsabilidade dos estados e municípios. Portanto, fica “evidente a falta de preparação e formação profissional de professores e gestores quanto ao uso das tecnologias digitais.”(MENEZES; COSTA; CAPELLINI, 2021, p.142). Mas além do despreparo tecnológico por parte dos docentes, até mesmo do alunado e familiares, o acesso aos equipamentos tecnológicos também foi um desafio muito grande, já que:

[...] 4,8 milhões de crianças e adolescentes entre 9 e 17 anos, no Brasil, vivem em domicílios sem acesso à internet – o que corresponde a 18% dessa população. Se levar em conta a forma de acesso, 58% dos brasileiros nessa faixa etária acessam a internet exclusivamente pelo celular – o que pode dificultar a execução de tarefas relacionadas a aulas remotas emergenciais durante a pandemia. Os dados, divulgados em junho de 2020, são da pesquisa TIC Kids Online Brasil 2019, que busca entender como os jovens brasileiros utilizam a internet – o levantamento é feito desde 2012 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), com apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e outras instituições.

Entre pressões para o retorno das aulas presenciais e a implementação do ensino remoto emergencial, alunos e trabalhadores da educação se deparam com uma realidade: a exclusão digital, que dificulta a adoção de medidas como aulas e avaliações pela internet. (STEVANIM, 2020, p. 10-11)

Portanto, entender a realidade de acesso à tecnologia e à formação adequada dos usuários (professores e alunos) foi crucial para os gestores definirem como proceder e lidar com todos esses desafios. Houve redes de ensino que optaram por aulas totalmente remotas por videoconferência, enquanto outras optaram por aulas através de materiais impressos e suporte *online*. E essas escolhas interferem diretamente na formação adequada dos profissionais.

Nas redes em que as aulas retornaram totalmente na modalidade *online*, os professores tiveram que adaptar suas práticas educativas para as videoconferências e suporte *online*, por *chat* ou postagens em *Moodle* e demais plataformas. Além de se adaptar às tecnologias, os professores tiveram que pensar e repensar nos métodos para que as aulas não se tornassem tão cansativas, já que, ficar horas na frente da tela não é fácil para adultos, tão pouco para adolescentes e crianças. A facilidade de estar conectado através de uma tela gera uma série de situações: o aluno pode não se sentir à vontade para manter câmera e microfone ligados, participando pouco das possíveis dinâmicas; o aluno pode acessar diversas abas no navegador e realizar outras atividades durante as aulas. Com isso, os professores tiveram que se capacitar para contornar essas situações cotidianas. Em algumas escolas das redes particulares e das redes públicas de ensino, os professores receberam capacitação adequada, mas tal fato não foi uma realidade do país inteiro.

Pensando na realidade da sala de aula remota, Oliveira, Garbin e Pirillo (2021), ao realizar uma pesquisa sobre tal situação, discutem:

[...] as aulas virtuais não podem ser mera transposição das aulas presenciais, visto que a adoção de tecnologias exige uma adaptação das práticas presenciais para práticas de ensino remoto emergencial. Dessa forma, muitos se disseram inseguros em planejar e conduzir uma aula remota sem ter a formação

adequada para essa modalidade. (OLIVEIRA; GARBIN; PIRILLO, 2021, p.139)

Portanto, a sala de aula remota exigiu do professor métodos e técnicas aos quais ele não estava acostumado, para que fosse capaz de desenvolver suas atividades com qualidade, e para conseguir prender a atenção dos alunos de modo que a aula fosse agradável e produtiva. Para isso, o professor não poderia simplesmente transpor sua aula presencial para a remota. Foi preciso muito esforço e capacitação para conseguir realizar as atividades de forma satisfatória. A troca de experiências em momentos de formação continuada, foi fundamental para o avanço e melhoria da qualidade do ensino.

Nas redes de ensino que as aulas remotas não puderam ser realizadas por videoconferências ou outras atividades síncronas, devido a dificuldade de acesso à internet de grande parte dos alunos, o desenvolvimento das atividades escolares se deram através de entregas de material impresso (ou até mesmo online) e suporte, seja por plataformas próprias da rede de ensino, ou por outros meios de comunicação, como *Google Meet*, *Zoom*, Grupos de *WhatsApp*, *Facebook* e outros. Ainda que o professor não tivesse a necessidade de estar simultaneamente por videoconferência, ele necessitou fazer uso de ferramentas tecnológicas para elaborar o material e manuseá-los, como com as ferramentas da *Microsoft* (*Office*, *Excel*) e do *Google* (*Documentos*, *Planilhas*, *Drive*). Diante disso, muitos professores tiveram dificuldades para lidar com tais ferramentas, além da sobrecarga de produção de material, correção e o suporte nas plataformas.

Além dos desafios relatados sobre o ensino remoto nas modalidades síncronas e assíncronas, em ambas as situações a avaliação também se tornou um processo muito complexo, já que:

As problemáticas em torno da avaliação são, em termos globais, comuns aos modelos de educação presencial e a distância, nomeadamente quando nos questionamos sobre aspectos fundamentais como: qual deve ser a função da avaliação? Que aspectos devem ser valorizados? Quem deve avaliar quem? Que devemos avaliar?

No contexto da educação online, uma das questões que mais amiúde é colocada de imediato, prende-se com a dificuldade de verificação da identidade dos estudantes que pretendemos avaliar online – Como verificar essa identidade? Outras questões são também frequentemente colocadas: como avaliar os processos de aprendizagem e não apenas os produtos? Como “conhecer” os estudantes, as suas motivações, interesses, dificuldades, quando com ele não contactamos diretamente? Como associar à avaliação uma componente de feedback relevante e temporalmente oportuno? (GOMES, 2009, p.1678-1679)

Assim, os professores tiveram que repensar as atividades e as formas de avaliação, para que estas não fossem injustas para com os alunos. Já que, no período remoto, com a ausência do contato presencial com o professor, os alunos acabaram se sentindo desorientados em relação às suas aprendizagens. A formação continuada do professor se tornou ainda mais necessária, não apenas sobre o uso de tecnologias, mas em relação aos métodos adequados para proporcionar a produção de conhecimento com qualidade (GOMES, 2009).

PERSPECTIVAS PARA O PERÍODO PÓS-PANDEMIA

Após o difícil período pandêmico vivenciado, e a atual fase que ainda é de adaptação, com muitos medos e receios, é necessário que se faça presente, principalmente aos profissionais da educação, suporte psicológico, planejamento bem estruturado com parcerias entre esses profissionais com intenso suporte técnico da Secretaria de Educação. Já que:

Na escola, em particular, vivenciamos o desafio de minimizar os efeitos negativos da suspensão das aulas presenciais em função do distanciamento social: a ansiedade, a vulnerabilidade emocional de estudantes, professores e funcionários estiveram e ainda se fazem presentes. Contudo, inúmeras foram as oportunidades de refletirmos e vivenciarmos os valores morais e socioemocionais nos diferentes contextos da vida cotidiana, permeados pelo sentido ético de

nossa existência, considerando o outro, reconhecendo a necessidade de nos implicarmos em prol do coletivo e, dessa maneira, integrando a moralidade em nossas ações, em nossa identidade como seres humanos.

A sensibilidade desse contexto exige a ruptura de uma visão de educação que não considera a integralidade do desenvolvimento pleno da pessoa e situa o trabalho da escola no investimento de currículos conteudistas voltados prioritariamente para o intelecto e dissociados de outras dimensões, como a afetiva e moral. (PINHEIRO; ZAMBIANCO; MORO, 2022, p.15)

Assim, com o retorno das atividades presenciais, os professores não podem retomar as práticas de suas aulas como no período anterior à pandemia. É necessário que os professores sejam levados a refletir sobre suas práticas e considerem todas as mudanças ocorridas nesse período.

Visto que a educação foi muito prejudicada ao longo desses dois anos, por mais que os profissionais estivessem presentes dando suporte, preparando conteúdos de maneira remota para os alunos, é possível identificar que há uma defasagem na aprendizagem, o que tem dificultado o retorno presencial desses discentes e também, dos docentes.

Mesmo com a equipe pedagógica promovendo meios para disponibilizar aos estudantes atividades e conteúdos impressos, a falta do contato com o professor e com os demais colegas foi comprometido, visto que, como citado por Vygotsky, as relações sociais são indispensáveis para a aprendizagem e para o desenvolvimento humano (GONÇALO *et al.*, 2022, p.5)

Além de a maioria dos alunos se encontrarem desestruturados por fatores como medo, ansiedade, tristeza, depressão, problemas familiares e perdas de entes próximos, ainda enfrentam um ano atípico, em que precisam recuperar as perdas do período de pandemia e estar aptos para a continuidade dos estudos. Tudo isso em um ano letivo, causando assim, ainda mais preocupação a todos os envolvidos.

Os professores que compartilham todos esses desafios com os discentes, reinventando-se, para garantir que os alunos consigam apreender o indispensável para seu avanço, se veem diante de

mais um grande desafio. O que por sua vez, acaba por sobrecarregá-los, em uma busca constante de métodos e avaliações em prol de recompor a aprendizagem de seus alunos.

Não poderemos estar presos demais aos conteúdos programáticos. Na reorganização do calendário escolar e do currículo escolar a criatividade e a flexibilidade são vitais para todos se inserirem bem e se contextualizarem na retomada dos trabalhos, sem sobrecarregarmos demais os alunos com conteúdos, como tijolos, que não preparam para o trabalho e cidadania.(PALÚ; SCHÜTZ; MAYER, 2020, p. 118)

Além disso, nesse momento pós pandêmico constatou-se um grande aumento de crianças e jovens com diagnósticos de diferentes transtornos como déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), dislexia, discalculia, entre tantos outros. Mais uma vez, os professores precisam de formação e orientação adequada para observar essa realidade em sala de aula, realizar encaminhamentos para os profissionais competentes e desenvolver trabalho diversificado, adaptado e inclusivo.

Chama atenção a difícil tarefa dos docentes em fazer com que estes alunos organizem suas atividades, obedeçam regras, cumpram prazos e realizem as tarefas com sucesso. As relações interpessoais na maioria das vezes também tem sido um ponto nevrálgico e que a escola, mesmo em tempos de aulas presenciais, sempre teve que lidar.(VILELA *et al.*, 2021, p.5)

Os últimos anos têm sido de muita luta para a educação. Faz-se necessário muito estudo, pesquisa, dedicação e amor para seguir acreditando na educação pública de qualidade que os estudantes têm direito.

Portanto, as equipes das secretarias de educação, como responsáveis pela educação pública de qualidade nos municípios e estados, devem manter-se firmes, investindo, incentivando, apoiando, capacitando, monitorando e mostrando aos seus profissionais tudo o que são capazes de fazer, tudo o que significam para a sociedade, realizando investimento nesses profissionais, promovendo cursos, palestras e capacitações.

O uso das tecnologias digitais durante todo o período atípico de pandemia intensificou-se obrigando até os profissionais mais resistentes a incluir as novas ferramentas em suas práticas diárias de planejamento, organização de atividades e avaliações. Os recursos digitais passaram a ser utilizados amplamente pelas instituições escolares do mundo todo, públicas ou privadas, que passaram a realizar diversas ações síncronas e assíncronas no seu cotidiano.

Ao interromper o funcionamento escolar, as escolas públicas fecharam seus portões e a maioria das escolas particulares adotaram o ensino remoto, para continuar a atender ao seu público. Não foi fácil e a situação pode ser comparada a uma experiência de salto em movimento, de um carro para outro. Assim, a tecnologia digital foi colocada em destaque e, de uma hora para outra, até os professores mais resistentes à educação on-line começaram a utilizá-la, a fim de continuar o processo educativo e manter seus empregos.(ORTEGA; ROCHA, 2020, p.3)

Contudo, ao retornar presencialmente, houve uma ruptura brutal com as tecnologias digitais, o que por sua vez, desfez todo o aprendizado que as plataformas digitais trouxeram de diferencial aos alunos, fazendo assim com que fossem retomadas as tradicionais aulas presenciais. Assim, muitas escolas que poderiam prosseguir mesclando o uso das tecnologias nas práticas cotidianas, não o fizeram. A continuidade do uso de tecnologias é importante pois “as tecnologias digitais podem diversificar o modelo de educação escolar e torná-la mais progressiva e atraente com o uso de aplicativos e games” (ORTEGA; ROCHA, 2020, p.6). Além de desenvolver suas habilidades, despertar o interesse do aluno nas aulas, permite ter em mãos diversos meios de preparar atividades diferenciadas através de plataformas educativas, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa, saindo do tradicionalismo.

[...] as tecnologias estão presentes na escola, não apenas como um aporte interativo ou entretenimento adicional, mas também como uma ferramenta indispensável para o processo ensino-aprendizagem e para a certificação dos estudantes dos diferentes níveis de escolarização.(ORTEGA; ROCHA, 2020, p.5)

Neste contexto, entende-se a importância de desenvolver o uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, através da montagem de salas multimídias, com uma capacitação dos profissionais da educação para lidar com essa nova tecnologia no cotidiano de aulas presenciais, qual os melhores métodos de usar esse novo modelo de aprendizagem nas escolas de redes públicas de ensino. (revisado)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas passaram por grandes períodos de mudanças devido ao período pandêmico que vivenciamos e que ainda estamos vivendo. O processo de ensino e aprendizagem teve que passar abruptamente de um espaço físico para o ambiente virtual e, os alunos e professores tiveram que enfrentar muitos desafios para lidar com a inserção dos novos usos das tecnologias. Diante disso, a formação docente se tornou uma grande preocupação, devido a importância do professor na vida dos alunos, já que estes são primordiais para formação de cidadãos críticos.

Durante o período da pandemia ficou evidente que muitos professores se formaram muitos anos atrás e estão desatualizados para lidarem com as tecnologias e desenvolverem práticas educativas que permitam uso de métodos ativos e participativos para que os alunos possam produzir conhecimento, rompendo com os métodos tradicionais e antiquados de apenas transmissão de conhecimento.

Assim, esta pesquisa contribuiu para reforçar a importância da formação continuada dos professores, que precisam cada vez mais refletir sobre a própria prática e inserir novos métodos de ensino para que as aulas sejam mais atrativas, fazendo sentido para o aluno. Já que, se a sociedade está evoluindo cada dia que passa, o ensino, a escola como instituição, precisa acompanhar a sociedade de modo que a mesma faça sentido para os sujeitos que a frequentam. Além disso, vale ressaltar que o uso de tecnologias, inserido forçadamente durante a pandemia, deve ser uma prática que deve ser mantida devido às suas diversas possibilidades e contribuições para o processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BOZKURT, A.; SHARMA, R. C. Emergency Remote Teaching in a Time of Global Crisis Due to CoronaVirus Pandemic. **Asian Journal of Distance Education**, v. 15, i-vi, 2020.

CHIMENTÃO, L. K. O significado da formação continuada. **4º Congresso Norte Paranaense de Educação Física Escolar**. Universidade Estadual de Londrina, 2009.

FILHO, F. G. S. F.; MENEZES, E. N.. A formação continuada em tempos de pandemia de Covid-19. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 4, p. 1-10, 2021.

FREIRE, P. **A Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAMEIRO, N. Depressão, ansiedade e estresse aumentam durante a pandemia. **Fiocruz Brasília**. Disponível em:

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALO, C. V. S.; BARBOSA, A. C.; SANTOS, R. R. S. BATISTA, R. S. Post-pandemic pedagogical lag of quilombola students in the Monte Alegre-ES Community. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, p., 2022.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2006.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 10, p. 37-45, abr. 2007.

MELO, I.V. As consequências da pandemia (COVID-19) na rede municipal de ensino: impactos e desafios. 2020. 24 p. **Trabalho de Conclusão**

de Curso (Especialista em Docência no Ensino Superior) – Câmpus Ipameri, Instituto Federal Goiano, Ipameri, 2020

MENEZES, V.; CAPELLINI, V.; COSTA, L. Tecnologias digitais: ação colaborativa em tempos de pandemia na formação de professores. **RevistaAleph**, n. 37, 2021.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINHO, M. J. Problemáticas da avaliação em Educação Online. In: DIAS, P., OSÓRIO, A. J., (org) **Actas da Conferência Internacional de TIC na Educação : Challenges 2009**, 6. Braga: Universidade do Minho, 2009. p.1675-1693.

NÓVOA, A. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, É. T.; GARBIN, M. C.; PIRILLO, N. R. Experiências de formação continuada de professores da educação básica para criação e uso de materiais didáticos digitais em tempos de pandemia. **Revista Conhecimento Online**, v. 3, p. 127-149, 2021.

OLIVEIRA, J. F.; MORAES, K. N.; DOURADO, L. F. Gestão escolar democrática: definições, princípios e mecanismos de implementação. In: BRASIL. **Escola de gestores da educação básica: sala políticas e gestão da educação**. Brasília, DF: MEC, 2008. p. 1-13.

ORTEGA, L. M. R.; ROCHA, V. F. O dia depois de amanhã - na realidade e nas mentes - o que esperar da escola pós-pandemia. **Pedagogia em Ação**, v. 13, n. 1, p. 302-14, 2020.

PALÚ, J.; SCHÜTZ, J. A.; MAYER, L. Desafios da educação em tempos de pandemia. **Cruz Alta: Ilustração**, v. 324, 2020.

PINHEIRO, V. P. G.; ZAMBIANCO, D. D. P.; MORO, A. Educação em tempos sensíveis: Contribuições das competências morais e socioemocionais

no contexto da pandemia e do pós-Covid-19. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 17, n. 1, p. 3-20, 2022.

RODRIGUES, P. M. L.; LIMA, W. S. R.; VIANA, M. A. P. A importância da formação continuada de professores da educação básica: a arte de ensinar e o fazer cotidiano. **Saberes docentes em ação**, v. 3, n. 1, p. 28-47, 2017.

STEVANIM, L. F. Exclusão nada remota: desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. **Radis**, Rio de Janeiro, FIOCRUZ, n. 215, p. 10-15, ago. 2020.

UNICEF Covid-19: Mais de 95% das crianças estão fora da escola na América Latina e no Caribe. 2020. Disponível em: <<https://uni.cf/2V-cxKh8>>. Acesso em: 02 de outubro de 2022.

VILELA, J. L. L. *et al.* Dificuldades enfrentadas por professores da educação básica em relação a alunos com deficiência: uma análise no contexto da Pandemia de Covid-19. **Scielo Preprints**, São Paulo, p.1-16, 2021.

VOLPATO, E. S. N. Pesquisa bibliográfica em ciências biomédicas. **J. Pneumol.**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 77-80, mar./abr. 2000.

WANG, C. *et al.* A novel coronavirus outbreak of global health concern. **The Lancet**, vol 395, February, 2020.

WENGZYNSKI, D. C; TOZETTO, S. S. A formação continuada face às suas contribuições para a docência. In: **Seminário De Pesquisa Em Educação Da Região Sul**. 2012. v.47.